

T. 616 1/8/82

O dia a dia de Madalena e sua "gang"

Fazendo parte daquela massa compacta constituída por gente envolvida nos atropelos e encontros frente ao MK-Centro, encontra-se Madalena de olhos esbugalhados, fixos como duas covinhas cintilantes numa face estampada e colorida pelo lápis, pelo rouge, e por outras substâncias cosméticas cujo nome desconheço.

Nos seus gestos teatrais e maquiavélicos, tais gincanas acrobáticas, descortina-se uma mensagem de emoção incontida, rebentando explosivamente desse peito quase descoberto.

Seu vestido de malha fina tracejando visivelmente os contornos que não escapam ao menos curioso transeunte, é exibido altivamente com a exuberância própria de quem se preza pela destreza no vestir.

Naquela tarde, o MK-Centro encontrava-se abarrotado de pessoas procurando os mais diversos artigos e gêneros. Um camião de grandes proporções descarregava caixas de cerveja numa quantidade que patenteava grande vontade de sacear a sede de centenas, que impacientemente aguardam prontos ao assalto.

A confusão da renhida busca

do saboroso líquido, agradava Madalena. Ela delirava, agitava-se entrando em convulsões como se os encontros, e o cruzamento de gargalhadas, vozes graves e agudas se misturasse com o sangue que nas suas veias corre.

Madalena, caminhava sem pressas, pois, não tinha horários a cumprir se não presenciar o movimento do MK-Centro e jovial, «rodar» com este e aquele «sócio», visitar os apartamentos cujas paredes ameaçadas pelos melodiosos estrondos, tremem ao compasso do som e ritmo do «estereofônico». Parava de quando em vez, para com este e aquele recordar a festa do último fim-de-semana, auscultar programas de etapas próximas, ou fazer apologia a um certo carro em que um fulano de renome (apelidado de «sócio fora») a levava à boite Sanzala para jantar.

Finalmente, chega ao Salão-de-Chá onde a Milú, o Carlitos e outros já se encontram acomodados, atirando intercaladamente ao acaso, baforadas de fumo. O seu riso desregrado, complementado pelo «Alô» a plenos pulmões, anuncia a entrada no local. Ela fê-lo delibe-

radamente, pois, a sua entrada não é só anunciada à «Gang» mas a todos os que ali saboreiam o seu chá, e bolos vespertinos. O vestido de malha fina, tracejando os contornos, que Madalena enverga, atrai a atenção dos presentes, e ela percebe que todos a olham fixadamente. Como gosta de chamar a si o papel de centro das atenções, respira fundo, sente-se realizada.

Após explanar em voz alta a noite anterior na Sanzala, ante a expectativa dos componentes do seu auditório, Madalena, conclui o seu «speech» anunciando a aquisição na Interfranca de sandálias novas, facto que se seguiu à noite na Sanzala. Acenos de aprovação e palavras de louvor cobrem o «habitat» accidental da «gang», e Madalena em jeito de desfecho diz — afinal quem sou eu? Era no fim de contas, ela a estrela da «gang» mercê dos atributos e dotes com que a natureza e as memórias dessa sociedade que lá vai a marcaram e revestiram.

Enquanto o MK não fechasse, a conversa prolongou-se, chamando à mesa temas diversos que vão desde festas, até temas que revelam uma profunda

ausência de espírito de tudo de importante que a rodeia.

Madalena, que não trabalha nem estuda, agitava-se violentamente numa tentativa de virar epicentro de reprovação da nova ordem social. Protestava contra a falta de géneros, contestava anomalias «fantasmas» cuja cabeça diluída em futilidades, se ocupava com afinco a imaginar. Contesta o «tal Socialismo que não conheço», e retrata assim, ao que o desenquadramento e ignorância podem levar. Ressalva das suas profanações, apenas a Sanzala, as festas, o ambiente da «malta» no MK-Centro.

Madalena, e sua «gang» embebidos nessa marginalidade que os vota a uma cegueira total, vivendo no abismo da distância que os separa da identificação com a realidade e os valores ocidentais de que ouvem falar e não conhecem apesar de a eles aspirarem. Tomando isto e aquilo como padrão, suplantados por tanta cegueira e alienação, não localizaram ainda qualquer avanço nesta terra que os viu nascer. Resta-lhes porém, um aspecto interessante— «Eu até gosto desta minha terra, sabes ...» — pelo menos se lembram ainda de onde nasceram, como o pássaro que nunca es-

quece o ninho. Porquê não pegar por aí?

Acalmados os ânimos em êxtase, Madalena, fiel da tensão da «gang», roda a conversa para a festa que nessa noite vai haver algures num desses apartamentos decorados com lâmpadas vermelhas. Não está preocupada com o repouso. Madalena pode dormir manhãs e tardes inteiras, e esperar calmamente que a Sanzala abra, e que os mais honestos dos «operadores» de «estereofónicos» retornem a casa após a labuta do dia, para ela então, retomar os passos que lhe são típicos e continuar a riscar o diário da sua vida. Este ciclo vai repetir-se até que um dia algo mais construtivo e útil (na melhor das hipóteses) modifique a vida de Madalena, que embora nova ainda, rugas visivelmente salientes marcam seu rosto, talvez, quem sabe, sedentas de compartilhar o álcool que ela ingere sem conta.

Quando olho para esta e para outras Madalenas algumas ideias me nascem. É que a alegria a expansão e a festa são tão características da juventude como do Socialismo. Por isso, o mal a meu ver, não está na festa, no recrear-se e divertir-se. O mal não está na Sanzala, no baile ou no Salão de Chá.

Está sim, na redução de toda esta vida multifacetada a essa pequena porção, ignorando inclusivamente o que lhe é suporte e primordial. É um facto, que a juventude necessita recrear-se, e isso deve preocupar a todos os jovens e à sua organização de massas.

Os clubes da Juventude, incrementados com maior ímpeto, e suas actividades estendidas a práticas mais diversificadas, talvez contivessem esse frenesim das Madalenas, Carlitos e muitos mais, proporcionando-lhes uma ocupação mais sadia dos tempos livres (que são maiores, se não os únicos da sua vida), contribuindo também para clarear a visão sombreada desta Madalena sobre a falta de géneros, contra a qual protesta sem sequer reparar, que como ela própria muitos há por aí, a consumir algo que não produzem, mas cuja existência exigem com intransigência.

Acredito que uma acção mais de fundo no que diz respeito ao enquadramento de massas, levará Madalena a inserir-se com consciência e realismo nessa dinâmica de transformação social, em que ela mesma está envolvida sem entender.

HILÁRIO MATUSSE